

ENSINO DE BIOLOGIA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: em pauta a experiência da Escola Indígena Jenipapo-Kanindé, Aquiraz, Ceará, Brasil.

Danúbia Soares

RESUMO

A Educação Escolar Indígena configura-se como um modelo diferenciado de ensino, que busca respeitar e integrar os saberes tradicionais aos conhecimentos sistematizados. No contexto da Educação de Jovens e Adultos em comunidades indígenas, emergem desafios específicos, mas também potencialidades singulares, especialmente no ensino de disciplinas como a Biologia. Este estudo teve como objetivo analisar as práticas pedagógicas adotadas na disciplina de Biologia na Escola Indígena Jenipapo-Kanindé, localizada na Aldeia Jenipapo-Kanindé, no município de Aquiraz, Ceará. A escola, que oferta a Educação de Jovens e Adultos no período noturno, pauta-se na valorização da interculturalidade e no fortalecimento da identidade étnica dos estudantes. A pesquisa foi de natureza qualitativa, tendo como principal instrumento o questionário com estudantes do ensino médio. Os dados revelaram que os estudantes demonstram interesse pela disciplina de Biologia, especialmente quando os conteúdos são abordados de forma contextualizada, relacionando-se com seu cotidiano e com os saberes tradicionais da comunidade. No entanto, observou-se que muitos estudantes tinham pouco ou nenhum contato prévio com a disciplina, o que dificultou a aprendizagem inicial. Diante disso, destaca-se a importância de práticas pedagógicas que considerem as especificidades culturais dos povos indígenas e promovam uma educação significativa e emancipatória. Conclui-se que o ensino de Biologia na Educação de Jovens e Adultos indígena deve ser repensado de modo a integrar os conhecimentos científicos aos saberes ancestrais, contribuindo para uma formação de sujeitos críticos, conscientes de sua identidade e do seu papel na sociedade.

Palavras-chave: Educação Escolar Indígena. Educação de Jovens e Adultos. Ensino de Biologia. Interculturalidade. Identidade étnica.

ABSTRACT

Indigenous School Education is characterized as a differentiated teaching model that seeks to respect and integrate traditional knowledge with systematized scientific knowledge. Within the context of Youth and Adult Education (YAE) in indigenous communities, specific challenges arise, but so do unique potentialities, especially in the teaching of subjects such as Biology. This study aimed to analyze the pedagogical practices adopted in the Biology discipline at the Jenipapo-Kanindé Indigenous School, located in the Jenipapo-Kanindé Village, in the municipality of Aquiraz, Ceará. The school offers Youth and Adult Education in the evening and is guided by the appreciation of interculturality and the strengthening of students' ethnic identity. This is a qualitative research, whose main instrument was a questionnaire applied to high school students. The data revealed that students show interest in the Biology discipline, especially when the contents are addressed in a contextualized way, relating to their daily lives and the traditional knowledge of their community. However, it was observed that many students had little or no previous contact with the subject, which hindered their initial learning. In this regard, the importance of pedagogical practices that take into account the cultural specificities of indigenous peoples and promote meaningful and emancipatory education is highlighted. It is concluded that the teaching of Biology in indigenous Youth and Adult Education should be rethought in order to integrate scientific knowledge with ancestral wisdom, contributing to the formation of critical individuals who are aware of their identity and their role in society.

Keywords: Indigenous School Education. Youth and Adult Education. Biology Teaching. Interculturality. Ethnic Identity.

INTRODUÇÃO

A Educação Escolar Indígena representa uma conquista significativa dos povos originários, fruto de longos processos de resistência e reivindicação por direitos, reconhecimento e autonomia pedagógica. Essa modalidade de ensino não apenas assegura o acesso ao conhecimento sistematizado, mas também fortalece os saberes tradicionais, respeitando a diversidade cultural, linguística e histórica das comunidades indígenas. Trata-se de uma prática educativa diferenciada, conduzida e construída com a participação dos próprios indígenas, pautada na interculturalidade e na valorização das identidades étnicas (Sousa, 2021; Santana; Santana, 2020; Lopes; Tavares, 2022).

Mais do que um espaço de aprendizagem, a escola indígena constitui-se como um território de afirmação identitária e de preservação da memória ancestral. Ao promover uma formação contextualizada e dialógica, a educação escolar indígena contribui para uma pedagogia decolonial, onde o conhecimento científico é articulado aos saberes comunitários, ampliando as possibilidades de uma educação significativa, emancipadora e socialmente referenciada. Assim, a escola indígena se transforma em um espaço de produção de conhecimento, de protagonismo político e de fortalecimento das lutas coletivas por território, cultura e cidadania (Silva; Rodrigues, 2023; Moraes Júnior; Tembê; Oliveira, 2023).

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) em comunidades indígenas desempenha um papel importante na valorização e preservação dos saberes tradicionais. No ensino de Biologia, práticas pedagógicas contextualizadas e interculturais são fundamentais para conectar os conteúdos científicos com a realidade e a cultura dos estudantes indígenas. Estudos indicam que a integração dos conhecimentos biológicos com os saberes ancestrais promove uma aprendizagem significativa e contribui para o fortalecimento da identidade étnica. Além disso, a participação ativa da comunidade escolar no planejamento curricular enriquece o processo educativo, tornando-o mais inclusivo e representativo das especificidades culturais dos povos indígenas (Bertini; Oliveira, 2024; Felix; Marsico, 2024; Monteiro *et al.*, 2019).

Nesse sentido, destaca-se a transmissão intergeracional de conhecimentos e valores, que perpassa os espaços escolares e familiares. Segundo Mendonça, Nascimento e Barcellos (2020, p. 115), “conhecer os saberes da ancestralidade,

significa entrar em sintonia com os elementos da Terra Mãe, símbolo de fertilidade e de lutas; significa reverenciar a luta dos antepassados indígenas”. Tal perspectiva reafirma o papel central dos mais velhos – os “troncos velhos” – na preservação e disseminação dos saberes tradicionais. Mendonça, Nascimento e Barcellos (2020, p. 111), ainda destaca que “são esses guardiões que transmitem os saberes dos ancestrais para as novas gerações, presentes no contato com a Mãe Terra e as riquezas nela existentes”.

Dessa forma, a Educação Escolar Indígena se configura como um instrumento de preservação da identidade étnica, promovendo a valorização dos costumes e tradições no ambiente escolar. O currículo das escolas indígenas, portanto, deve estar alinhado com a realidade dos alunos, sendo construído de maneira contextualizada e intercultural (Silva; Borges, 2019).

No âmbito da EJA, o ensino de Biologia nas escolas indígenas – como é o caso da Jenipapo-Kanindé – reveste-se de especial importância, não apenas pelo caráter científico da disciplina, mas por seu potencial como instrumento de fortalecimento cultural e identitário. Segundo Freire (1996, p. 22), “ensinar exige uma prática pedagógica que reconheça os saberes dos alunos e promova o diálogo entre o conhecimento científico e o conhecimento tradicional”. Nesse sentido, o ensino de Biologia ultrapassa a mera transmissão de conteúdos, devendo articular os saberes científicos às realidades socioculturais dos estudantes, respeitando suas relações com a natureza e os conhecimentos ancestrais transmitidos oralmente ao longo das gerações.

Assim, este estudo teve como objetivo analisar a importância da Educação Escolar Indígena no processo de ensino e aprendizagem na Educação de Jovens e Adultos (EJA) da Escola Indígena Jenipapo-Kanindé, com ênfase no ensino de Biologia. As questões orientadoras desta pesquisa foram: quais são os principais desafios e perspectivas percebidos pelos alunos da EJA em relação ao ensino de Biologia na Escola Indígena Jenipapo-Kanindé? e, de que maneira a Educação Escolar Indígena contribui para o processo de ensino e aprendizagem nesse contexto?.

METODOLOGIA

Este estudo adotou uma abordagem qualitativa, com complementação quantitativa, de natureza exploratória e descritiva. A pesquisa foi realizada na comunidade indígena Lagoa Encantada, situada no município de Aquiraz, estado do Ceará, distante aproximadamente 60 Km da capital Fortaleza.

A amostra da pesquisa foi composta pelos estudantes regularmente matriculados na turma da EJA Médio, totalizando 9 participantes. Os sujeitos da pesquisa pertencem a diferentes faixas etárias e gêneros, refletindo a diversidade do público atendido pela EJA na referida comunidade. A participação foi voluntária e mediada por um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), garantindo o anonimato e o uso ético das informações, conforme os preceitos da Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde. Outra informação importante quanto as questões éticas é que a pesquisadora é da etnia Jenipapo-Kanindé e faz parte da comunidade.

A coleta de dados foi realizada por meio da aplicação de um questionário estruturado, elaborado com perguntas objetivas e discursivas. O instrumento teve como finalidade investigar a percepção dos estudantes sobre as aulas de Biologia, sua relação com os conteúdos ministrados, suas experiências educacionais anteriores, bem como os desafios e motivações relacionados ao retorno à escola. A aplicação ocorreu presencialmente, em sala de aula, em momento previamente acordado com a gestão escolar, respeitando o tempo e a individualidade de cada participante.

A análise dos dados ocorreu em duas etapas complementares. Inicialmente, adotou-se a técnica de análise de conteúdo, conforme Bardin (2011), para a interpretação qualitativa das respostas discursivas, permitindo a identificação de padrões, temas emergentes e significados atribuídos pelos alunos ao processo educativo. Paralelamente, os dados quantitativos oriundos das respostas objetivas foram organizados, tabulados e representados graficamente, com o objetivo de complementar e ilustrar os achados qualitativos.

A Escola Indígena Jenipapo-Kanindé (Figura 1), onde o estudo foi conduzido, atende cerca de 106 alunos distribuídos entre os turnos manhã, tarde e noite, e conta com 15 professores, equipe gestora e pedagógica qualificada, além de infraestrutura adequada, incluindo salas de aula, biblioteca, laboratório de informática, sala de

Atendimento Educacional Especializado (AEE), quadra poliesportiva coberta, horta, praça de toré e demais espaços voltados ao fortalecimento da cultura e da educação indígena.

Figura 1 – Escola Indígena Jenipapo-Kanindé, Aquiraz, Ceará.



Fonte: janelasabertas.com (2023)

Ao longo de todo o processo, assegurou-se a confidencialidade das respostas e a integralidade dos dados obtidos, os quais foram utilizados exclusivamente para fins acadêmicos. A pesquisa visa contribuir para a valorização do ensino de Biologia em contextos interculturais, bem como para o aprimoramento das práticas pedagógicas na EJA Indígena.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados obtidos por meio da aplicação do questionário estruturado aos estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA) da Escola Indígena Jenipapo-Kanindé revelaram elementos significativos sobre a percepção dos estudantes em relação ao ensino de Biologia no contexto indígena. A análise considerou tanto as características sociodemográficas dos participantes quanto suas experiências pessoais com a disciplina.

A amostra foi composta por 9 estudantes, majoritariamente pertencentes à etnia Jenipapo-Kanindé. Entre os participantes, identificou-se uma estudante da etnia

Pitaguary e um estudante não-indígena, evidenciando a diversidade presente na instituição. A idade dos participantes variou entre 30 e 60 anos, refletindo a heterogeneidade etária da EJA. Em relação ao gênero, a mostra foi composta por 6 estudantes do gênero masculino e 3 do feminino.

Na primeira questão sobre os principais desafios/obstáculos que dificultam o aprendizado dos estudantes em relação a disciplina de Biologia na EJA, três estudantes relataram não possuir conhecimento anterior sobre o conteúdo de Biologia, o que impactou diretamente na percepção de dificuldade no processo de aprendizagem, especialmente nas etapas iniciais do curso. As respostas discursivas ilustram essa realidade, como demonstrado nos seguintes relatos.

Entrevistado 1 – *“Eu não conhecia a Biologia muito bem no meu cotidiano”*.

Entrevistado 3 – *“Eu não conhecia a Biologia”*.

Esse desconhecimento inicial pode ser compreendido a partir do histórico de acesso limitado à educação formal entre parte da população indígena da região, além das especificidades culturais que nem sempre se refletem nos conteúdos programáticos convencionais da disciplina.

Sobre os principais desafios/obstáculos no aprendizado da Biologia na EJA, os estudantes apontaram de forma recorrente, dificuldades relacionadas à terminologia técnica da disciplina, à falta de vínculo com a realidade local e à ausência de recursos didáticos contextualizados. Além disso, alguns estudantes mencionaram o tempo reduzido de aula e o cansaço após uma jornada de trabalho como fatores que interferem na concentração e no rendimento escolar.

Esses achados reforçam a necessidade de estratégias pedagógicas que considerem não apenas a heterogeneidade dos sujeitos da EJA, mas também as especificidades culturais do povo indígena Jenipapo-Kanindé. A contextualização dos conteúdos de Biologia à realidade da comunidade, aliada a abordagens interdisciplinares e ao uso de metodologias ativas, pode representar um caminho promissor para a promoção de aprendizagens mais significativas e culturalmente relevantes.

A avaliação da qualidade do ensino de Biologia na Escola Indígena Jenipapo-Kanindé, conforme a percepção dos estudantes participantes da pesquisa, revelou um resultado bastante positivo. Dos 9 estudantes que responderam à questão, 8 classificaram o ensino como "muito bom" e apenas 1 avaliou como "bom", enquanto nenhum estudante optou pelas alternativas "regular" ou "ruim". Esses dados indicam

um alto nível de satisfação em relação à disciplina, sugerindo que as práticas pedagógicas desenvolvidas na escola têm sido eficazes e significativas para os discentes.

Esse resultado pode estar relacionado a uma série de fatores observados durante o estágio, como o uso de metodologias ativas pela professora regente, a adequação do conteúdo à realidade dos estudantes e a boa infraestrutura da escola, que conta com laboratório de ciências, biblioteca e sala de aula climatizada. A presença desses recursos materiais e didáticos contribui significativamente para a promoção de um ambiente propício à aprendizagem, conforme destacado por Libâneo (2013), que ressalta a importância das condições objetivas para o desenvolvimento do processo educativo.

Além disso, a valorização da cultura indígena no ambiente escolar pode ter um papel relevante nesse alto nível de aprovação. A integração dos saberes tradicionais com os conteúdos científicos pode promover uma maior identificação dos estudantes com os temas abordados, favorecendo o engajamento e a aprendizagem significativa. De acordo com Freire (2021), a educação deve dialogar com a realidade dos sujeitos, respeitando seus contextos históricos e culturais, o que fortalece o processo educativo e torna o conhecimento mais acessível.

Portanto, os dados demonstram não apenas uma aprovação formal do ensino de Biologia, mas também apontam para um contexto pedagógico que respeita as especificidades dos estudantes indígenas e promove uma educação de qualidade, crítica e contextualizada. Esse reconhecimento por parte dos alunos é um indicativo importante do êxito das práticas docentes desenvolvidas na escola e reforça a importância de uma formação de professores que contemple a diversidade sociocultural.

Ao serem questionados sobre os aspectos mais positivos do ensino de Biologia em sua escola, os estudantes destacaram majoritariamente o apoio do professor, com 6 menções para esse item. Esse dado reforça a importância da relação pedagógica estabelecida entre docente e discentes, evidenciando que a postura acolhedora, atenta e incentivadora do professor tem papel fundamental no processo de ensino-aprendizagem. Conforme Libâneo (2013), o professor não apenas transmite conteúdos, mas também atua como mediador do conhecimento, influenciando diretamente a motivação e o desempenho dos alunos.

Outros aspectos valorizados pelos estudantes incluem o uso de materiais didáticos adequados, apontado por 2 participantes, e os métodos de ensino interessantes, mencionados por 1 aluno. Tais respostas indicam que os recursos pedagógicos e a variedade metodológica adotada também são percebidos como elementos positivos, contribuindo para o engajamento e melhor compreensão dos conteúdos. A utilização de materiais adequados e metodologias ativas são estratégias que tornam o ensino mais dinâmico e contextualizado, conforme propõem Freire (2021).

Ainda assim, a predominância do apoio do professor como destaque positivo ressalta o valor das relações humanas no ambiente escolar, sobretudo em contextos educacionais diferenciados como o das escolas indígenas. Esses dados contribuem para refletir sobre a relevância do papel docente enquanto figura de apoio e inspiração no processo educativo, especialmente em comunidades que demandam uma abordagem sensível à diversidade cultural e social, como é o caso da comunidade Jenipapo-Kanindé.

Em relação a questão: “Como a Educação Indígena tem influenciado o seu interesse e compreensão sobre os conteúdos de Biologia?”, foi realizada a análise de conteúdo com base na técnica de Bardin (2011). A partir da leitura das respostas, foi identificado três categorias temáticas principais, conforme padrões de repetição e sentido nas falas, sendo elas:

Categoria 1 – Contribuição para o aprendizado de Biologia

Entrevistado 1: “Melhora o conhecimento da Biologia”.

Entrevistado 2: “Ela me ensina sobre o conhecimento da Biologia”.

Entrevistado 3: “Ela me influenciou a aprender mais sobre a matéria”.

Entrevistado 7: “A educação indígena me ajudou a entender os conteúdos de Biologia”.

Entrevistado 9: “Me ajuda a entender os conteúdos de Biologia”.

Nessa categoria, os estudantes percebem que a Educação Indígena tem papel direto na compreensão e interesse pelos conteúdos biológicos, funcionando como ponte entre o conhecimento científico e o saber tradicional.

Categoria 2 - Relação entre Biologia e preservação ambiental e territorial.

Entrevistado 3: “(...) entender o meio ambiente e a comunidade indígena”.

Entrevistado 4: “Ajudando na preservação do nosso território e preservação”.

Entrevistado 6: “Ela me ajudou a entender sobre preservação de nosso território através da matéria”.

Nessa categoria a Educação Indígena é vista como formadora de consciência ambiental e identitária, integrando o ensino de Biologia às práticas de defesa e valorização do território.

Categoria 3 – Valorização da cultura indígena

Entrevistado 5: “A educação indígena é caracterizada por sua cultura”.

Entrevistado 8: “Ajudando a compreender mais a cultura”.

Nessa categoria, os estudantes destacam o papel da Educação Indígena na valorização cultural, o que influencia positivamente a forma como os conteúdos escolares, como a Biologia, são percebidos e aprendidos.

A análise revela que a Educação Indígena não apenas facilita o aprendizado da Biologia, mas também contextualiza o conhecimento científico a partir das realidades e valores da comunidade indígena. A interseção entre cultura, território e ciência fortalece o interesse e a compreensão dos conteúdos, especialmente quando esses são ensinados a partir de uma perspectiva crítica e culturalmente sensível.

Os dados evidenciam a importância de uma pedagogia que reconhece o conhecimento tradicional indígena como complementar ao saber científico, promovendo uma educação significativa, integradora e identitária, conforme defendido por autores como Freire (2021) e Arroyo (2008).

Em relação a opinião dos estudantes sobre a importância de incluir conhecimentos e práticas culturais indígenas no ensino de Biologia na comunidade, a análise de conteúdo de Bardin, revelou as seguintes categorias: 1) Valorização da cultura indígena, 2) Cuidado com a natureza e, 3) Preservação da tradição.

Em relação a valorização da cultura indígena foi mencionado a importância de incluir conhecimentos e práticas culturais indígenas no ensino de Biologia, destacando a valorização da cultura do povo Jenipapo-Kanindé. As respostas indicam que o ensino de Biologia deve respeitar e integrar os saberes tradicionais e culturais indígenas como uma forma de reconhecimento e fortalecimento da identidade cultural. Entre as respostas, estão:

Entrevistado 1: “É muito importante para a valorização da cultura do povo Jenipapo-Kanindé”.

Entrevistado 2: “Sim, porque valoriza nossa cultura”.

Entrevistado 5: “É importante, pois valoriza a cultura do nosso povo”.

Na categoria 2, os estudantes destacam a importância do ensino de Biologia para o cuidado e preservação da natureza especialmente no que se refere ao território e uso dos recursos naturais dos povos indígenas, como lagoas e animais. A relação direta entre o respeito ao meio ambiente e a cultura indígena é evidenciada por essas respostas:

Entrevistado 3: “É de suma importância, pois cuida da natureza, das lagoas e animais”.

Entrevistado 4: “É importante, pois ajuda a desenvolver conhecimento sem agredir a natureza e nossa cultura”.

Entrevistado 6: “Para proteção da natureza e dos recursos da aldeia”.

Na última categoria, a ideia de preservação da tradição é uma constante nas respostas dos entrevistados. A inclusão dos saberes indígenas no ensino de Biologia é vista como uma maneira de manter viva a tradição e os conhecimentos ancestrais da comunidade indígena, fortalecendo a conexão com o passado e com os valores culturais, evidenciado pelas seguintes respostas:

Entrevistado 7: “É importante, pois inclui nossa tradição”.

Entrevistado 8: “É importante, pois valoriza nossa tradição e nossa cultura”.

Entrevistado 9: “Para manter nossa cultura viva”.

A análise revela que a maioria dos entrevistados considera essencial a inclusão dos conhecimentos e práticas culturais indígenas no ensino de Biologia, tanto para valorizar a cultura e a tradição dos povos indígenas quanto para promover o cuidado com o meio ambiente. Essa percepção sugere uma forte ligação entre educação, cultura e preservação ambiental. Os entrevistados apontam que, ao integrar saberes indígenas no ensino de Biologia, não só se preservam tradições e conhecimentos ancestrais, mas também se contribui para o respeito à natureza e à sustentabilidade.

Na última questão, foi perguntado aos estudantes participantes da pesquisa se os mesmos conheciam práticas ou conhecimentos tradicionais do povo Jenipapo-Kanindé relacionados à Biologia ou à natureza. E se, sim, que citassem os exemplos. Na primeira parte da questão, todos os entrevistados admitiram conhecer práticas ou conhecimentos tradicionais do povo Jenipapo-Kanindé relacionado à Biologia. Como complemento, as respostas foram categorizadas de acordo com a Análise de Conteúdo de Bardin, sendo estabelecidas três categorias: 1) Preservação da Natureza e Meio Ambiente, 2) Plantas Medicinais e, 3) Festas Tradicionais. Essas categorias

refletem as práticas e conhecimentos que os entrevistados associam aos saberes tradicionais do povo Jenipapo-Kanindé.

Em relação a primeira categoria, várias respostas fazem referência à preservação do meio ambiente, destacando práticas relacionadas ao cuidado com a fauna, flora e o território do povo Jenipapo-Kanindé. Essa categoria é recorrente nas respostas, refletindo a forte conexão entre o povo e a natureza. Entre as respostas, estão:

Entrevistado 1: “A preservação da natureza do povo Jenipapo-Kanindé”.

Entrevistado 4: “A preservação de matas e árvores antigas e fauna dos animais”.

Entrevistado 7: “Preservar o meio ambiente”.

Entrevistado 8: “Preservar o meio ambiente do nosso território”.

Outro tema importante nas respostas foi o uso de plantas medicinais (categoria 2), que é um conhecimento tradicional relacionado à Biologia. Esse conhecimento é central na medicina tradicional indígena e no cuidado com a saúde dentro das comunidades indígenas. Entre as respostas, estão:

Entrevistado 2: “As plantas medicinais”.

Entrevistado 8: “As plantas medicinais do nosso povo”.

Entrevistado 9: “A medicina tradicional com uso das plantas”.

Na categoria 3, as respostas indicam a importância das festas tradicionais para o povo Jenipapo-Kanindé. Embora estas sejam manifestações culturais, também possuem uma ligação com o entendimento e o respeito pela natureza, sendo celebradas em harmonia com o ambiente natural. Entre as respostas, estão:

Entrevistado 3: “As festas tradicionais, festa do Mocaroró e festa do Marco vivo”.

Entrevistado 5: “Fazer mocaroró”.

Entrevistado 6: “Festa tradicional do Marco vivo e Mocaroró”.

Entrevistados 7, 8 e 9: “As festas tradicionais”.

A festa tradicional do Marco Vivo de Yburana é uma festa de grande importância para o povo Jenipapo-Kanindé, pois marca ali a conquista pela delimitação do nosso território, que acontece todo dia 9 de abril. Todos os anos, os indígenas escolhem um lugar específico do nosso território e marcam a terra com o “Pau de Iburana”, árvore oriunda do povo indígena Jenipapo-Kanindé, considerada sagrada, pois representa a ancestralidade e resistência. O lugar onde ocorre a festa, é nas mangueiras do Tio

Odorico, que tem esse nome, em homenagem ao antigo Cacique Odorico. O lugar é considerado sagrado, pois é um espaço onde começou toda a luta, onde aconteciam as antigas reuniões, sendo considerado também um lugar de acolhimento, resistência e fortalecimento.

A festa tradicional do Mocororó foi festejada pela primeira vez, pelo povo indígena Jenipapo-Kanindé em 2017. Ela celebra a demarcação do território, assim essa festa celebra a demarcação do nosso território. A festa acontece no mês de setembro, mesmo mês da safra do caju, que tem grande importância na comunidade, pois do caju, é produzido o mocororó, bebida sagrada dos povos indígenas do Ceará. A festa é marcada por rezas, danças, cantos e jogos tradicionais de nossa região. Dentre os jogos estão, jogo da castanha, castanha no buraco, degustação de doces feito a partir do caju e também a disputa de quem bebe mais mocororó mais rápido. Diferente da festa tradicional do Marco vivo que acontece nas Mangueiras do Tio Odorico, a festa do mocororó acontece no Cajueiro Sagrado, lugar de memória e encantado pela comunidade indígena, sendo este batizado no dia 04 de novembro de 2019, como lugar de memória que guarda as energias das encantarias da nossa Cacique Pequena (primeira cacique mulher dos povos indígenas do estado do Ceará).

As respostas dos entrevistados revelam que os conhecimentos tradicionais do povo Jenipapo-Kanindé são profundamente ligados à natureza e à sua preservação. A preservação ambiental é uma prática central para a comunidade, refletindo a compreensão indígena de que os seres humanos devem viver em harmonia com a natureza. A utilização de plantas medicinais também é um aspecto importante, mostrando como o povo Jenipapo-Kanindé recorre ao seu entorno natural para o cuidado com a saúde. Além disso, as festas tradicionais estão intrinsecamente ligadas a esses conhecimentos, sendo eventos que celebram e reforçam o vínculo com a natureza e a cultura indígena.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados obtidos através da aplicação do questionário estruturado aos estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA) da Escola Indígena Jenipapo-Kanindé fornecem reflexões importantes sobre a percepção dos alunos acerca do ensino de Biologia no contexto indígena.

A pesquisa evidenciou que os estudantes reconhecem a importância da contextualização dos conteúdos de Biologia com a realidade cultural e territorial do povo Jenipapo-Kanindé. As dificuldades iniciais no aprendizado da disciplina, devido ao desconhecimento prévio sobre o conteúdo e à falta de recursos didáticos adequados, foram mencionadas por vários participantes. Contudo, esses obstáculos foram atenuados pela adequação das práticas pedagógicas que respeitam a cultura local e integram o saber tradicional indígena ao conhecimento científico.

Em relação à qualidade do ensino, os resultados indicam uma alta satisfação dos estudantes, com a maioria avaliando o ensino de Biologia como "muito bom". Esse resultado positivo pode ser atribuído ao uso de metodologias ativas, à infraestrutura adequada da escola e, principalmente, ao respeito pela identidade cultural indígena.

A valorização da cultura do povo Jenipapo-Kanindé e a integração de seus conhecimentos tradicionais no ensino da Biologia demonstram o sucesso de uma abordagem pedagógica que considera as especificidades culturais e territoriais dos alunos. A interação entre o conhecimento científico e os saberes indígenas tem se mostrado uma ferramenta poderosa para promover o engajamento e a compreensão dos estudantes.

A análise das respostas sobre a importância de incluir conhecimentos e práticas culturais indígenas no ensino de Biologia revela um forte vínculo entre a educação e a preservação ambiental, cultural e territorial. Os estudantes destacaram que a educação indígena fortalece a compreensão sobre o meio ambiente, o cuidado com a natureza e a preservação das tradições. As categorias identificadas, como a valorização da cultura indígena, a preservação da natureza e a importância das festas tradicionais, evidenciam que o ensino de Biologia não se limita ao conhecimento científico, mas também promove a reflexão sobre o respeito à terra e às práticas ancestrais.

A pesquisa reforça a necessidade de uma educação que seja, ao mesmo tempo, científica e culturalmente sensível, reconhecendo e valorizando os saberes indígenas como elementos essenciais para a formação de uma educação crítica e contextualizada.

REFERÊNCIAS

- ARROYO, C. R. **A educação como prática da liberdade**. São Paulo: Cortez, 2008.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 4. ed. Lisboa: Edições 70, 2011.
- BERTINI, L. M.; OLIVEIRA, L. R. G. de. O ensino de biologia na educação de jovens e adultos: um breve estudo sobre a sua produção acadêmica. **Revista Labor**, v. 1, n. 29, p. 59–70, 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufc.br/labor/article/view/72322>. Acesso em: 10 abr. 2025.
- FELIX, C. V.; MARSICO, J. A Botânica na produção do currículo de Ciências na Educação de Jovens e Adultos: uma análise a partir de materiais didáticos. **Revista de Ensino de Biologia da SBEnBio**, v. 17, n. 1, p. 92–113, 2024. Disponível em: <https://renbio.org.br/index.php/sbenbio/article/view/1202>. Acesso em: 10 abr. 2025.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. 23. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 70. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.
- LIBÂNEO, J. C. **Didática**. 27. ed. São Paulo: Cortez, 2013.
- LOPES, J. D.; TAVARES, Q. S. Perspectivas discursivas sobre educação escolar indígena na construção da escola Kyikatêjê. **Educação, Ciência e Cultura**, v. 27, n. 2, p. 1-17, 2022. Disponível em: <https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Educacao/article/view/7474>. Acesso em: 10 abr. 2025.
- MENDONÇA, J. B. S. de S. M.; NASCIMENTO, J. M. do; BARCELLOS, L. A. Etnoeducação Potiguar: memória dos troncos velhos, cosmologia e saberes existenciais. **Religare**, v. 17, n. 1, p. 105–140, 2020. DOI: 10.22478/ufpb.1982-6605.2020v17n1.52438. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/religare/article/view/52438>. Acesso em: 29 abr. 2025.
- MONTEIRO, L. M. *et al.* Educação indígena e o ensino de Ciências e Biologia: uma investigação sobre sujeitos e aprendizagens plurais. **Revista de Ensino de Biologia da SBEnBio**, v. 12, n. 2, p. 207-225, 2019. Disponível em: <https://renbio.org.br/index.php/sbenbio/article/view/260>. Acesso em: 10 abr. 2025.
- MORAES JÚNIOR, H. de; TEMBÉ, K. J. P.; OLIVEIRA, I. A. de. História da política indigenista e da educação escolar indígena no Brasil. **Interitórios**, v. 9, n. 17, p. 194-216, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/interritorios/article/view/259073>. Acesso em: 10 abr. 2025.
- SANTANA, I. L.; SANTANA, N. V. de. Educação escolar indígena: um olhar a partir de Freire, LDB e Estatuto dos Povos Indígenas. **Revista ODEERE**, v. 5, n. 9, p. 143-

162, 2020. Disponível em:
<https://periodicos2.uesb.br/index.php/odeere/article/view/6639>. Acesso em: 10 abr. 2025.

SILVA, S. M. P. da; RODRIGUES, T. de A. Decolonialidade na educação escolar indígena do povo Kanela/Memortumré, MA. **Revista Debates Insubmissos**, v. 7, n. 1, p. 136-152, 2023. Disponível em:
<https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/debatesinsubmissos/article/view/257333>. Acesso em: 10 abr. 2025.

SILVA, S. M.; BORGES, C. C. K. Educação Escolar Indígena Potiguara: uma análise estrutural e material. **Tellus**, v. 19, n. 38, 2019, p. 341-67. Disponível em:
<https://doi.org/10.20435/tellus.v19i38.592>. Acesso em: 6 maio 2025.

SOUSA, M. V. L. A educação indígena e a educação escolar indígena para o pleno exercício dos direitos indígenas. **Revista de Estudos Interdisciplinares**, v. 1, n. 1, p. 49-62, 2021. Disponível em:
<https://revistas.ceeinter.com.br/revistadeestudosinterdisciplinar/article/view/188>. Acesso em: 10 abr. 2025.